

O CALVÁRIO DE COVIDE

Amaro Carvalho da Silva

Texto publicado no mensário *Geresão – Gerês*, 20/5/1999, pp. 19 e 20.



Nos meados do passado mês de Fevereiro o meu tio materno Florentino José Martins de Carvalho, actual proprietário da Casa da Venda de Covide (Terras de Bouro), apresentou-me um alfarrábio do século passado onde se encontrava relatada a «História Verdadeira do Calvário» de Covide. Fiquei interessadíssimo na questão e recebi autorização para divulgar esta pequena história que é um contributo para a história local.

O termo de abertura do livro, pertencente à Casa da Venda, diz o seguinte: «Este livro há-de servir para o diário da Junta da Paróquia da freguesia de Covide, do concelho de Terras de Bouro [...]. Santa Marinha de Covide 13 de Maio de 1888. O secretário da Junta da Paróquia João Pires Fernandes de Carvalho [Casa da Venda]. O presidente da Junta da Paróquia João Soares.» Apesar deste termo de abertura, o livro apenas contém a «História Verdadeira do Calvário» e nada mais digno de registo sobre a freguesia.

Quem é o autor do relato sobre a «História Verdadeira do Calvário»? A seguir ao termo de abertura do livro refere-se que o relato é da autoria do padre Sebastião Pires de Freitas e que foi copiado fielmente, em 20/12/1890, por João Pires Fernandes de Carvalho (Casa da Venda) a partir de um outro livro que era o *Diário do padre Sebastião*. Sobre este padre

Sebastião (1839? - 1913?), da Casa de Bento de Covide, já divulguei uma pequena notícia biográfica no *Geresão de Fevereiro* de 1994.

Deve referir-se que o texto não está completo. A narração termina de uma forma inesperada, talvez sinal de que o copista João Pires Fernandes de Carvalho não tenha terminado o seu trabalho. É natural que no *Diário* do padre Sebastião Pires de Freitas a narração esteja completa. Mas onde está o *Diário* do padre Sebastião?

Será importante este texto? Sem dúvida que é importante para a história local porque esclarece o processo de construção e inauguração do edifício que se constituiu como o centro da principal festa religiosa e profana de Covide. Realizada no domingo mais próximo do dia 16 de Setembro - «dia de Santa Eufémia» -, essa festa designa-se, hoje, mais vulgarmente, «Festa do Calvário». Por conseguinte, a «Festa do Calvário» sobrepõe-se à «Festa de Santa Eufémia», que lhe é anterior, pelos elementos de novidade que introduziu numa celebração religiosa tradicional: procissão e sermão do Senhor dos Desamparados e de Nossa Senhora das Angústias e animação profana.

Para além de historiar a construção e inauguração deste calvário, o texto tem outros elementos de interesse: a emigração de covidenses para o Rio de Janeiro; a «gravíssima moléstia» que ocorreu em Covide em 1887; o elevado número de padres existentes em Covide; a organização que reinava na freguesia, ao contrário do que se verifica nos dias de hoje; etc.

No relato histórico que a seguir se transcreve integralmente apenas se actualizou a ortografia e se introduziram algumas alterações na pontuação de modo a torná-lo mais legível. No mais, o texto é tal e qual.

«1888 - História verdadeira do Calvário-Capela do Senhor dos Desamparados nesta freguesia de Santa Marinha de Covide, concelho de Terras de Bouro, comarca de Amares, Arciprestado de Amares e Arcebispado de Braga Primaz das Espanhas, pelo P.e Sebastião Pires de Freitas.

Anos havia já que eu cogitava de construir umas alminhas no local da Portela da Avilheira, sítio que a mim se me afigurava próprio para uma tal obra de sufrágio em benefício das benditas almas. Uma encruzilhada de caminhos, frequentada de muita gente já da freguesia de Covide, já das de fora; devoção para com as almas; o local, uma esplanada; frequência de gente. Todos estes predicados reunidos me estimulavam à realização do meu projecto.

Mas como os meios não sobrassem e eu queria uma obra de algum dispêndio artístico, principalmente na mão de pedreiro, íamos demorando o projecto até que em 1879, achando-me naquele local com o meu amigo Manuel José Martins, e conhecendo eu as boas inclinações de que ele é dotado para com as coisas religiosas, dei-lhe a conhecer o meu pensamento, o qual ele imediatamente aprovou e sinceramente louvou, mostrando grande contentamento, se a obra se chegasse a realizar. Em 1880, influenciado pelas circunstâncias, o meu amigo Manuel José Martins embarca para o Rio de Janeiro. Com ele, e gravado em seu coração verdadeiramente religioso, levou o meu projecto que adoptou como seu e que já mais olvidou até que instalado na cidade do Rio de Janeiro, depois de algum tempo deu princípio à realização do projecto, que ele modificou para um calvário com as Imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Angústias.

Para este fim abre subscrição, pede e insta com todos os seus patrícios, e da mesma freguesia de Covide, unicamente, e consegue a quantia de quatrocentos dezassete mil seiscientos e sessenta reis (417\$660 r.s.).

Logo que obteve esta quantia, sem demora me comunica o seu intento. Pede-me esclarecimentos e quer que se ponha em prática tão excelsa quanto desejada obra nesta freguesia, pois não havia Imagens neste sentido.

De boa mente abracei a mudança do meu primitivo plano. Julguei verdadeiramente aproveitável o local e dadas as explicações que me eram pedidas louvei e agradeci tão relevantes serviços prestados a esta freguesia pelos seus filhos residentes em terras do Brasil e pus ao seu dispor a minha influência e as minhas forças todas para a execução de obra tão digna de louvor, tão verdadeiramente edificante.

Apenas recebidos que foram os meus esclarecimentos e certo da minha boa vontade e esforços para levar ao cabo o seu plano, saca em meu nome a quantia supra e diz-me que queria uma obra toda de pedreiro, de alto a baixo. Se eu exultava de contentamento com tão faustas notícias o meu amigo Manuel José Martins, todas as vezes que me escrevia deixava ver bem pelo claro a alegria, o prazer que lhe ia na alma ao presentar que a sua obra ou antes, a obra dos seus esforços, das suas diligências, ia ter o seu começo.

Já não havia dúvida, eu era o encarregado de dar andamento à obra, olhar pela sua boa execução, mandar fazer as Imagens e pô-la pronta para ser inaugurada em 16 de Setembro de 1887.

E foi, com efeito, inaugurada nesse dia. O primeiro passo a dar era entregar toda a obra a um empreitante e incumbisse da obra de pedreiro, da entalha e das Imagens, e entregar-me a chave, pronta e acabada toda a obra.

Para isto utilizei-me dos sábios e acertadíssimos conselhos do Rev.mo. Sr. Arcipreste Alexandre Adelino Pires de Carvalho [da Casa da Venda de Covide], que sempre me ajudou com a melhor vontade para a realização de tão agradável empresa, e em sua mesma casa foi arrematada toda a obra a fazer por Francisco da Silva Júnior, mestre peritíssimo de entalhador e escultor da freguesia de Paranhos, pela quantia de quatrocentos e cinquenta mil reis. Justa portanto a obra em face da planta apresentada ao arrematante, e feito papel de contrato por mim assinado e pelo arrematante com as competentes testemunhas, e multa de cinquenta mil reis àquele que não cumprisse as formalidades do estipulado no contrato, assim como assinando ambos a mesma planta, como adiante se verá na cópia do mesmo contrato, era urgentíssimo dar andamento à obra pois que todo o tempo tornava-se indispensável.

A 7 de Março de 1887, chegaram os pedreiros e deram princípio aos seus trabalhos. Ao fim de dez dias foi necessário fazer já o primeiro carro de pedra, o que se fez com o maior entusiasmo. Toda a freguesia por mim convidada para fazer os carretos necessários se prontificou da melhor forma, e da sua parte se esmerou por tal modo que não se esperaria[?] nem ao tamanho das pedras, nem dificuldade alguma.

Fique pois aqui consignado um voto de agradecimento da minha parte a todos os moradores desta freguesia por tão cavalheirosamente se prestarem a coadjuvarem para esta obra com todos os carretos pois assim se economizou uma grande quantia.

Honra pois à freguesia, louvores da minha parte. E fiquem sabendo os vindoiros que quem assim pratica obras de tanto merecimento, tão dignas e de tão boa vontade tem direito a um padrão de alegria, e que sejam transmitidas à posteridade.

Em fins de Agosto estava concluída a obra de pedreiro e principiava a de entalhador: o camarim-tribuna para as Imagens, com seu competente altar. Veio tudo

isto já feito de Paranhos, conduzido até ao Campo de Arnadelo à custa do mestre escultor e dali até Covide por gente e carros da freguesia. Não havia tempo a perder. Estávamos entrados em Setembro. Aproximava-se o dia da inauguração, que era o dia 16 de Setembro, e muito faltava ainda para se abrir ao público o Calvário que tantos cuidados e fadigas me tinha custado e a toda a freguesia. Era necessário empreender uma grandíssima obra que era alargar o terreiro e romper um fortíssimo barreiro, entrando para o monte e espaçando o terreiro tornando vistoso o Calvário, aformoseando o local que de si já é pitoresco. Foi um trabalho importantíssimo, custosíssimo, o que a freguesia toda concorreu da melhor vontade e com a mais pronunciada e decidida coragem. Ainda não está completo, mas eu espero que com o andar dos tempos, dando-lhe outro impulso, ficará a obra completa e bem acabada, merecendo por isso admiração de todos quantos por ali passam.

É bem para notar a circunstância de no mês de Setembro de 1887 ter sido atacada esta freguesia de Covide com uma contagiosa malina que chegou a ter prostrados sobre o leito e em perigo de vida, ao mesmo tempo, para cima de trinta pessoas e entre elas contava-se o escritor destas linhas. E apesar desta gravíssima moléstia que tudo invadia, os trabalhos nunca pararam, trabalhando-se diariamente por espaço de oito dias sucessivos. E não deixarei de notar de passagem que de tantas pessoas doentes e perigosas, a maior parte sacramentadas, nem uma só que morreu. Milagre operado em favor desta freguesia pelas Imagens do Senhor dos Desamparados e Senhora das Angústias que no dia 16 de Setembro iam ser expostas à veneração pública dentro do seu Calvário, no local denominado Portela da Avilheira desta mesma freguesia.

Raiava a véspera do dia 16 de Setembro de 1887 [e] a freguesia de Covide assemelhava-se a uma grande fábrica manufactureira. Tudo trabalhava: pequenos, grandes, velhos e novos, homens e mulheres, uns a dar a última demão na aplanação do terreiro, outros fazendo os caminhos por onde a procissão tinha de caminhar, outros construindo arcos triunfais. Era uma diligentíssima laboração de gente, toda devotada ao serviço de Deus e de sua Mãe. Porém, as Imagens ainda não tinham chegado e esta demora já era estranhada pela maior parte da gente que punha em dúvida se sim ou não elas viriam. Assim mesmo se tornava aflitiva esta demora, agravada pela moléstia que ainda me não deixava levantar do leito, extenuado de forças e sem poder suster-me em pé.

Eram oito horas da manhã do dia 15 de Setembro de 1887 e lá descem caminho abaixo as santas Imagens. Tudo se alvoroçou, tudo correu ao seu encontro. A alegria reaparece[?] em todos os semblantes. Um delírio inexplicável apossou-se dos corações e a notícia corre rápida como a rapidez do telégrafo, dum a outro lado da freguesia.

Estamos em dia de festa. Chegou o dia 16 de Setembro de 1887, dia memorável, dia grandioso, dia que tem de passar à posteridade como um dos mais entusiásticos que a freguesia de Covide tem presenciado. Estava concluída e posta a última demão na Capela-Calvário. Às oito horas e meia procedeu-se à bênção da mesma e das Imagens que foi praticada pelo Ex.mo Sr. Arcipreste Alexandre Adelino Pires de Carvalho, filho digníssimo desta freguesia e Abade de Besteiros, para o que estava autorizado pelo Ex.mo Prelado desta Diocese, tendo por assistentes ao acto o muito Rev.mo encomendado de Covide José Dias Cerqueira, o Ex.mo Abade de Amares Manuel José Dias de Sá e o Rev.mo Amaro Manuel Dias de Sá, e muita outra

gente que se achava no local, sendo baptizada a Capela com o título de Capela-Calvário do Senhor dos Desamparados e a Senhora com o título das Angústias. Mais adiante se verão por extenso os respectivos documentos.

Para levar a efeito a grande obra da inauguração e para que esta festividade correspondesse eficazmente ao seu objecto, tinha eu escolhido uma comissão entre os filhos sacerdotes desta freguesia que todos se prontificaram da melhor vontade. Era composta dos seguintes respectivos eclesiásticos: Presidente Alexandre Adelino Pires de Carvalho, digno Arcipreste do Distrito; Vice-presidente o Dr. António Pires Dias de Freitas, Abade da Feira; Secretários o Ex.mo Abade de Chamoim, Sebastião Pires Dias de Freitas e o Ex.mo Abade de Rio Caldo, José Joaquim Pires Dias de Freitas; Tesoureiro o Rev.mo Amaro Manuel Dias de Sá; vogais o Rev.mo José Dias Cerqueira, encomendado de Covide, o Rev.mo Domingos José Martins, o Rev.mo João Antunes Barroso e o Rev.mo Sebastião Pires de Freitas. Mordomos para os trabalhos: João Soares, João Pires de Carvalho, Manuel Pires Júnior, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Pires da Silva, Manuel Dias Cosme, Alexandre Antunes Carril e José Gira. Mordomos: Maria Ribeiro, Joaquina Ribeiro, Ana Dias Luzia, Ana Paula, Ana Caixeira, Balbina Rosa, Joaquina Rodrigues Narcisa, Rosa Maria Jidório. Devo acrescentar que o Ex.mo Abade de Amares, Manuel José Dias de Sá, também veio a fazer parte da mesma comissão, subscrevendo com a correspondente quantia. Esta comissão, que toda ela assistiu à festividade da inauguração, deliberou os festejos seguintes, que fielmente se executaram. Festa na Igreja com exposição do Santíssimo, principiando às 10 horas. Sermão ao Evangelho de Santa Eufémia. 17 eclesiásticos assistentes divididos em seus diferentes misteres e ocupações. Finda a missa, procissão atravessando o lugar até à capela de Santa Eufémia [e] aí sermão.»

Damaia, 22 de Abril de 1999.